



WORKSHOP

A GUERRA EM PORTUGAL E NO IMPÉRIO (SÉCS. XV-XVIII): INVESTIGAÇÕES EM CURSO

1 DE JULHO 2015 | AUDITÓRIO 3

DIRECÇÃO CIENTÍFICA: PROF. DR. VÍTOR RODRIGUES

COMISSÃO EXECUTIVA: ANDRÉ MURTEIRA; MARIA BARRETO DÁVILA; ROGER LEE DE JESUS; TIAGO MACHADO DE CASTRO

ORGANIZADO NO ÂMBITO DO GRUPO DE INVESTIGAÇÃO CONFIGURAÇÕES POLÍTICAS E INSTITUCIONAIS.

TORRE B, FCSH/NOVA | AVENIDA DE BERNA, 26

+info: www.cham.fcsh.unl.pt

Centro de História
d'Aquém e d'Além-Mar
CHAM
Universidade Nova de Lisboa
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade dos Açores

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

IICT
Instituto de
Investigação
Científica Tropical

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Resumos e Notas Biográficas

ÍNDICE

Apresentação	3
Programa	5
André Murteira <i>A guerra marítima luso-neerlandesa na Ásia, 1595-1625</i>	7
António Martins Costa <i>A arte militar em Portugal entre os finais da Idade Média e os alvares da Modernidade (1449-1521)</i>	8
Cenan Pirani <i>The Estado da Índia Cinnamon Monopoly and Firearms Manufacturing in Seventeenth Century Sri Lanka: Economic Aspects of the “Conquest of the Island of Ceylon”</i>	9
Elise Cardoso <i>A Logística Militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos</i>	10
Inês Meira Araújo <i>Para além da guerra. Um espelho artístico do armamento no Portugal dos primórdios da modernidade</i>	11
José Eudes Gomes <i>Elites militares nos sertões da América portuguesa</i>	12
José Virgílio Pissarra <i>Em busca do Navio Universal</i>	13
Leandro Ferreira <i>De homens-comuns a força de elite: os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1367-1438)</i>	14
Marco Oliveira Borges <i>A defesa da carreira da Índia entre os Açores e a costa portuguesa (1500-1640): armadas e fortificações costeiras</i>	15
Maria Barreto Dávila <i>Guerra no Atlântico: a contenda luso-castelhana de 1475-1479</i>	16
Miguel Aguiar <i>Cavaleiros e Cavalaria no Reinado de D. Afonso V</i>	17

Workshop A Guerra em Portugal e no Império (sécs. XV-XVIII): Investigações em Curso

Nuno Lopes

O Sistema Defensivo de Goa (1510-1663): Influência e significados na constituição do território contemporâneo 18

Paulo Dias

A composição da hoste portuguesa na conquista de Arzila: o eterno problema dos números 19

Roger Lee de Jesus

D. João de Castro e a guerra no “Estado da Índia” (1545-1548)..... 20

Tiago Machado de Castro

Os Duzentos de Lisboa. Explorando as Nóminas de bombardeiros e o seu serviço à Coroa..... 21

APRESENTAÇÃO

A GUERRA EM PORTUGAL E NO IMPÉRIO (SÉCS. XV-XVIII): INVESTIGAÇÕES EM CURSO

A história militar do período moderno é hoje uma área de estudo renovada que tem suscitado um interesse crescente da comunidade científica nacional e internacional, bem como do público em geral, estando cada vez mais superado o estigma que a associava a uma prática historiográfica ultrapassada. Para além da divisão clássica entre os estudos de guerra terrestre e os estudos navais, em Portugal tendeu-se tradicionalmente a dividir a história militar do Reino da história militar do Império, (abrangendo esta a generalidade dos territórios tocados pelo fenómeno expansionista português). Esta última, por sua vez, replicou quase sempre as subdivisões tradicionais da história da expansão portuguesa por áreas geográficas (Marrocos, Brasil, Ásia, etc.), escasseando as visões mais alargadas e as comparações entre os diferentes espaços. Todas estas divisões e subdivisões reforçaram a tendência para a compartimentação e especialização, tornando difícil manter uma perspectiva de conjunto.

Este workshop pretende pelo contrário oferecer uma panorâmica transversal das investigações em curso em Portugal na área ao nível de mestrados e doutoramentos. Juntando contributos respeitantes a áreas geográficas e períodos distintos, procura-se oferecer uma perspectiva 'descompartimentada' do estado da situação em Portugal dos estudos pós-graduados de história militar portuguesa no Reino e no Império entre os séculos XV e XVIII. Espera-se que a divulgação e o debate dos resultados preliminares de um grupo variado de trabalhos de investigação em curso contribua para aprofundar o conhecimento mútuo entre as diversas subáreas dentro da história militar portuguesa na época moderna.

Direcção Científica:

Vítor Rodrigues

Comissão Executiva:

André Murteira

Maria Barreto Dávila

Roger Lee de Jesus

Tiago Machado de Castro

Moderadores:

João de Figueirôa-Rêgo

Margarida Tavares da Conceição

Luís Miguel Duarte

Francisco Contente Domingues

Sessão de Encerramento:

João Gouveia Monteiro

***WAR IN PORTUGAL AND ITS EMPIRE (15TH-18TH CENTURIES):
ONGOING RESEARCH.***

Nowadays the military history of the early modern period is a renewed historiographical field of growing interest to both the general public and the national and international scientific community. In addition to the classical division between the study of land and naval warfare there has been a trend in Portugal to deal separately with the military history of Portugal and that of the country's former overseas empire. Furthermore, the latter has almost always replicated the traditional geographic subdivisions of Portuguese imperial history (Morocco, Brazil, Asia, etc.) only rarely attempting to keep a broader comparative perspective. All these divisions and subdivisions have increased the trend towards specialization, making it difficult to maintain an overall perspective of Portuguese military history in the early modern era.

This workshop aims to offer a broad view on military history research carried out at postgraduate level (MAs and PhDs). By bringing together people working on different periods and geographical areas, we try to offer a comprehensive view of the situation of postgraduate studies on Portuguese military history between the 15th and 18th centuries. It is hoped that discussion of the preliminary results of a diverse group of ongoing research projects will contribute to deepen the mutual knowledge between the various sub-areas within Portuguese military history on the early modern period.

Scientific Coordination:

Vítor Rodrigues

Executive Committee:

André Murteira

Maria Barreto Dávila

Roger Lee de Jesus

Tiago Machado de Castro

Chairs:

João de Figueirôa-Rêgo

Margarida Tavares da Conceição

Luís Miguel Duarte

Francisco Contente Domingues

Keynote Speaker:

João Gouveia Monteiro

PROGRAMA

9h30 – 10h - Sessão de abertura

João Paulo Oliveira e Costa (CHAM) e Vítor Luís Gaspar Rodrigues (IICT/CHAM)

10h-11h15 - 1ª Sessão

Moderador: João de Figueirôa-Rêgo (CHAM)

António Martins Costa (FLUC-CHSC/CH-ULisboa) - *A arte militar em Portugal entre os finais da Idade Média e os alvares da Modernidade (1449-1521)*

Elise Cardoso (FLUL) - *A Logística Militar na Cronística Portuguesa de Quatrocentos*

Inês Meira Araújo (CH-ULisboa) - *Para além da guerra. Um espelho artístico do armamento no Portugal dos primórdios da modernidade*

Paulo Dias (FCSH-UNL) - *A composição da hoste portuguesa na conquista de Arzila: o eterno problema dos números*

11h15-11h30

Coffee-break

11h30-13h - 2ª Sessão

Moderador: Margarida Tavares da Conceição (FCSH-UNL)

Roger Lee de Jesus (FLUC-CHSC/CHAM) - *D. João de Castro e a guerra no “Estado da Índia” (1545-1548)*

Cenan Pirani (UCLA) - *The Estado da Índia Cinnamon Monopoly and Firearms Manufacturing in Seventeenth Century Sri Lanka: Economic Aspects of the “Conquest of the Island of Ceylon”*

Nuno Lopes (CES-UC) - *O Sistema Defensivo de Goa (1510-1663): Influência e significados na constituição do território contemporâneo*

13h-14h30

Almoço

14h30-15h45 - 3ª Sessão

Moderador: Luís Miguel Duarte (FLUP)

Leandro Ferreira (FLUP) - *De homens-comuns a força de elite: os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1367-1438)*

Miguel Aguiar (FLUP) - *Cavaleiros e Cavalaria no Reinado de D. Afonso V*

Tiago Machado de Castro (CHAM) - *Os Duzentos de Lisboa. Explorando as Nóminas de bombardeiros e o seu serviço à Coroa.*

José Eudes Gomes (ICS) - *Elites militares nos sertões da América portuguesa*

15h45-16h15

Coffee-break

16h15-17h30 - 4ª Sessão

Moderador: Francisco Contente Domingues (FLUL)

Maria Dávila (CHAM) - *Guerra no Atlântico: a contenda luso-castelhana de 1475-1479*

Marco Oliveira Borges (CH-ULisboa) - *A defesa da carreira da Índia entre os Açores e a costa portuguesa (1500-1640): armadas e fortificações costeiras*

André Murteira (CHAM) - *A guerra marítima luso-neerlandesa na Ásia, 1595-1625*

José Virgílio Pissarra (CH-ULisboa) - *Em busca do Navio Universal*

17h30

Conferência de Encerramento

João Gouveia Monteiro (FLUC)

A História Militar e a renovação historiográfica no século XXI

André Murteira

A guerra marítima luso-neerlandesa na Ásia, 1595-1625

É sabido que a chegada dos primeiros navios neerlandeses à Ásia no fim do século XVI degenerou rapidamente num conflito com os portugueses. Pelo menos até à guerra luso-neerlandesa de Ceilão (1638-1658), o conflito foi predominantemente marítimo, mas teve como que uma ‘dupla faceta’, tomando ora a forma de uma guerra naval convencional, travada entre navios armados para a guerra, ora a de uma guerra de corso contra a navegação ‘comercial’ portuguesa. Esta comunicação procura resumir provisoriamente e discutir uma dissertação em curso sobre o conflito marítimo luso-neerlandês na Ásia até 1625, na ‘dupla faceta’ referida. A história factual dos recontros navais convencionais é conhecida em razoável detalhe desde há décadas e, perante tal, o trabalho do historiador será sobretudo rever interpretações estabelecidas, quando possível. Já do corso, sabe-se muito menos, e há todo um trabalho exequível de recolha de informação inédita, inclusive informação quantitativa, sobretudo nas fontes neerlandesas. Os diferentes graus de notoriedade das matérias em estudo requererão assim diferentes abordagens. Prestar-se-á também particular atenção ao efeito da guerra naval convencional sobre o corso.

André Murteira é Mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa pela Universidade Nova de Lisboa em 2006 com a dissertação *A Carreira da Índia e o curso neerlandês (1595-1625)*, publicada em 2012 (*A Carreira da Índia e o curso neerlandês, 1595-1625*, Lisboa: Tribuna da História, 2012). Assistente de Investigação do Centro de História de Além-Mar, da Universidade Nova de Lisboa. Encontra-se de momento a realizar uma dissertação de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa sobre o curso neerlandês contra a navegação portuguesa na Ásia e entre a Ásia e a Europa entre 1595 e 1625. Foi bolseiro de mestrado da Fundação Oriente e bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Tem publicado em periódicos como *Anais de História de Além-Mar*, *Oriente e Revista de Cultura (Macau)*.

Email: andremurteira@gmail.com

António Martins Costa

***A arte militar em Portugal entre os finais da Idade Média
e os alvares da Modernidade (1449-1521)***

Desde o início da década de 1990 que a historiografia portuguesa tem vindo a acarinhar o estudo da história militar, resultando desde então vários trabalhos académicos sobre a guerra no Portugal medieval e moderno. O nosso projecto de doutoramento pretende levar a cabo uma investigação, numa perspectiva panorâmica, sobre a arte bélica em Portugal entre o termo da Idade Média e o início da Idade Moderna. O período cronológico considerado, balizado pela Batalha de Alfarrobeira (1449) e pelo fim do reinado de D. Manuel I (1521), corresponde a uma época de profundas transformações marciais na Cristandade - já apodada de «Revolução Militar» - que o reino português assimila e adapta nos diversos palcos de guerra em que se vê envolvido aquém mas, sobretudo, além-mar. Através de uma análise aturada dos mais diversos tipos de fontes, tem-se o propósito de descortinar os aspectos fundamentais da organização e da prática bélica, designadamente no que diz respeito aos efectivos, ao recrutamento e à formação marcial do exército, à sua administração, financiamento e logística, bem como no que concerne ao exercício e à vivência dos principais tipos de operações.

António Martins Costa (n. 1986) é licenciado em História e mestre em História Medieval pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde apresentou a dissertação de Mestrado *A Batalha de Toro e as relações entre Portugal e Castela: dimensões políticas e militares na segunda metade do século XV*. Investigador associado do Centro de História (FLUL) e membro colaborador do Centro de História da Sociedade e da Cultura (FLUC), tem-se debruçado sobre a história militar portuguesa na transição da medievalidade para a época moderna, bem como sobre a história política e das relações internacionais desse período. É actualmente doutorando na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, preparando a sua tese de doutoramento sob a orientação do Professor Doutor João Gouveia Monteiro.

Email: antonio_martinscosta@hotmail.com

Cenan Pirani

The Estado da Índia Cinnamon Monopoly and Firearms Manufacturing in Seventeenth Century Sri Lanka: Economic Aspects of the “Conquest of the Island of Ceylon”

From the time of the Iberian Union, though the Habsburg Crown had a general interest in territorial expansion of overseas possessions in the Indian Ocean, which in some measure already began in previous decades, it did not formally declare or organize attempts at such expansion until the turn of the century. Such is the case with Ceylon, where Philip II commissioned the *Estado da Índia* to proceed in the territorial conquest of the entire island, a project that was formally dubbed “a conquista da ilha de Ceilão”. Besides being a general call for expansion, the “conquest” that Philip II envisioned at its core involved a massive economic restructuring, all under the pretext of producing the capital necessary for funding the war. The most notable economic reform made during this period was a royal monopoly (*estanco*) out of the most valuable commodity in the region, cinnamon, and similar attempts at Crown control over other items (ie. betel, elephants) also occurred. Money made on such goods was then intended to go into the manufacture of firearms inside the island (archbuses and muskets) for use in conquest related battles. From the historical documents one can get a sense of the volume as well as the locations where these arms were manufactured. However, most of the documents found related to both the cinnamon monopoly and gun manufacturing talk more about how a considerable amount of such goods were lost to the *Estado* through private trade. Thus, such documentation in some ways is just as well suited to detail the networks of circulation that private traders worked within.

Cenan Pirani is a doctoral student of History at the University of California, Los Angeles (UCLA). His interests include; Early Modern World History, South Asian History and the history of the Indian Ocean World, South Asian literary cultures, and the history of Eurasian Empires.

Email: cenan.pirani@gmail.com

Elise Cardoso

A Logística Militar na Crónica Portuguesa de Quatrocentos

No que diz respeito à história da guerra, existe um tema ainda por explorar: a logística e tudo o que a envolve. Por logística, entendemos todo o funcionamento que se encontra por detrás da máquina militar e que coloca em andamento uma expedição. Por isso, o nosso tema possui capítulos bastante específicos. Em primeiro lugar, a cadeia de comando, na sua hierarquia e diversidade. Depois, a coluna de marcha: como era constituída? Quais as principais dificuldades e perigos que enfrentava? De seguida, iremos observar a questão do abastecimento, que constitui um dos aspetos mais importantes para o bom sucesso de uma campanha: como se alimentava um exército? De onde provinham as vitualhas? Quem as obtinha e por que meios? Depois desta temática, passaremos para a questão do alojamento: como seria formado um acampamento? Onde se deveria situar? A que preocupações de segurança deveria obedecer? Por fim, dedicaremos um capítulo às passagens mais ingratas pelas quais uma coluna de marcha poderia ter de passar, como por exemplo os rios, e ao transporte de materiais pesados nessas condições.

A dissertação possui por isso, como principal objetivo, o estudo do lado menos visível da organização de uma campanha militar, aquilo que é imprescindível providenciar entre a partida e o combate, assim como forma como decorre o regresso de uma hoste. Para isso, como o próprio título indica, foram utilizadas as seguintes fontes: a *Crónica de D. Fernando* e a *Crónica de D. João I (Parte I e Parte II)*, ambas da autoria de Fernão Lopes; a *Crónica da Tomada de Ceuta* e a *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes*, de Gomes Eanes de Zurara; por fim, num outro registo, foi também considerada a *Crónica do Condestabre*, cujo autor se desconhece.

Elise Cardoso é licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2010-2013), tendo ingressado de seguida no mestrado Interuniversitário de História Militar, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Encontra-se, neste momento, a terminar a sua dissertação de mestrado subordinada ao tema da logística militar na primeira metade do século XV.

Email: elise_cardoso@hotmail.com

Inês Meira Araújo

***Para além da guerra. Um espelho artístico do armamento
no Portugal dos primórdios da modernidade***

A presente investigação de Doutoramento pretende fazer um estudo da reconstituição do armamento português do período tardo-medieval e renascentista, e da sua evolução diacrónica, instrumental para dar resposta a um conjunto alargado de questões historiográficas, que persistem como lacunas no âmbito dos estudos de história militar relativos ao período, relacionadas com a teoria e a praxis da guerra.

Com base no estudo pormenorizado do equipamento militar, ofensivo e defensivo, utilizado pelo exército português, será composto, em primeiro lugar, um catálogo de armas para as principais tipologias de armamento, fundamentais para a compreensão da sua evolução, à luz do seu possível enquadramento na chamada “revolução militar”. O entendimento da progressão do equipamento do guerreiro contribuirá ainda para identificar os diferentes componentes do armamento, e fixar o seu vocabulário, assim como para compreender as tácticas de guerra desenvolvidas e empregadas no período.

Em segundo lugar, numa abordagem mais tributária da história da arte, procurar-se-á responder a uma outra bateria de questões, que são sobretudo da ordem da imagética, mas que são centrais para o tratamento do tema da tese. A começar, pela determinação da autenticidade das representações, ou seja, compreender se os artistas seguiam apenas as convenções artísticas do período ou, antes, se procuravam a fidelidade histórica do equipamento representado. Uma questão que se liga com o poder da mão do artista na sua obra, com a sua clientela e com as formas de representação do período, que podem deturpar as mensagens inseridas nas fontes iconográficas. Neste contexto, importará fazer uma análise dos saberes próprios dos programas artísticos, levantar as tipologias de representações existentes, apreender os propósitos propagandísticos subjacentes à encomenda das obras, caracterizar o programa iconológico presente, assim como perceber as razões por que a guerra se constituiu como uma matéria de constante interesse estético.

Inês Meira Araújo é licenciada em História da Arte (2009) e mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro (2013) com a dissertação intitulada *As Tapeçarias de Pastrana. Uma Iconografia da Guerra*, ambos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLULisboa). Actualmente é doutoranda do Programa Interuniversitário de Doutoramento em história (PIUDHist) com o apoio de uma bolsa FCT (SFRH/BD/52285/2013), com a tese *Imago in bello*. As representações da guerra no Portugal tardo-medieval e renascentista, orientada por Vítor Serrão e João Gouveia Monteiro. É investigadora do Centro de História da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa) no grupo de investigação História Militar e das Relações Internacionais (desde 2009). No que se refere à sua actividade científica, tem colaborado na organização de conferências e seminários, assim como no projecto Recursos para a História Militar Medieval, coordenado por Margarida Garcez Ventura e José Varandas. Os seus interesses de investigação focam-se sobretudo na História da Arte dos finais da Idade Média e Renascimento, com ênfase particular sobre a História Militar, representações da guerra e iconografia. Tem apresentado diversas conferências em eventos científicos nacionais e internacionais e tem publicado vários artigos em revistas e livros colectivos.

Email: inesmeiraaraujo@gmail.com

José Eudes Gomes

Elites militares nos sertões da América portuguesa

Partindo do discurso historiográfico em torno das elites locais nos sertões da América portuguesa, estou desenvolvendo estudo sobre os comandantes militares das capitanias do Rio Grande do Norte, Ceará Grande e São José do Piauí durante os anos 1763-1808. O estudo conjunto de tais capitanias decorre do papel hegemônico ocupado pela produção pecuária em todas elas durante o período estudado, ao passo que os limites cronológicos foram definidos pela existência de séries documentais capazes de viabilizar a realização da pesquisa. A investigação foi orientada por três pontos principais. Em primeiro lugar, a identificação da organização militar local e dos seus quadros de comando durante o período pesquisado. Em segundo lugar, a análise do processo de provimento do oficialato, destacando-se os agentes decisórios e os critérios de recrutamento adotados. Em terceiro lugar, a consideração dos perfis sociais do oficialato militar e dos seus principais estatutos de classificação social, sendo estudadas algumas trajetórias individuais significativas. A investigação foi realizada a partir de um conjunto heterogêneo de fontes depositadas em arquivos portugueses e brasileiros, encontrando-se atualmente em fase final de escrita.

José Eudes Gomes é Licenciado (2002) e Bacharel (2006) em História pela Universidade Federal do Ceará. Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense (2009). Doutorando em História pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Atualmente é também investigador visitante do Centro de História de Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa. Pesquisa a relação entre organizações militares, violência e hierarquias sociais na América portuguesa setecentista.

Email: joseeudesgomes@gmail.com

José Virgílio Pissarra
Em busca do Navio Universal

Em 1621, Madrid ordenou aos Conselhos de Estado e da Fazenda de Portugal que consultassem sobre o número de cobertas mais adequado às naus da Carreira da Índia, considerando a capacidade mercante e também a defensiva: três ou quatro. O debate resultante prolongar-se-ia por duas décadas, desdobrado em juntas institucionais, técnicas e pareceres individuais, envolvendo as figuras mais destacadas da sociedade marítima portuguesa, aristocratas, oficiais e homens de negócios.

Logo que a consulta desceu aos círculos técnicos, a questão do número de cobertas foi secundarizada em detrimento de uma abordagem dimensional mais pertinente, e a discussão derivou cedo para uma dicotomia entre naus de quatro cobertas e grandes galeões de três. O debate não vem apenas traçar uma linha divisória – bem vincada - entre as duas tipologias, mas comprova que os portugueses insistiram na especialização tipológica e funcional, muito depois da adopção, por parte dos seus competidores, de fórmulas universais com base no padrão militar, testadas com grande sucesso contra eles mesmos. A discussão é, felizmente, mais abrangente. Ela excede veladamente os limites estritos da Carreira da Índia e toca quase todos os tópicos relevantes da vida marítima portuguesa: da procura da geometria ideal num ambiente dominado pelo dogmatismo artesão à deformação dos traçados por força de interesses ilícitos; da penúria dos recursos humanos, em terra e no mar, às luzes esporádicas; do declínio dos estaleiros de Lisboa à ascensão da Ribeira do Ouro até ao predomínio dos modelos estrangeiros; da desflorestação à ruptura dos canais logísticos; das vicissitudes do capital privado à falência do Estado-Empresa; da perda da autonomia militar à lógica unitária da Monarquia Católica, entre outros.

José Virgílio Pissarra nasceu em Lisboa em 1971. É licenciado em História e mestre em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa pela FLUL. Foi assistente científico do Comissário-Geral da CNCDP, é membro correspondente da Academia de Marinha, sócio da Ordnance Society, de Londres, e investigador associado do Centro de História da Universidade de Lisboa. Foi bolseiro da Fundação Oriente e da FCT. A sua área de especialização científica é a História Naval, com incidência no caso português da 1ª metade do século XVI. Aguarda provas de doutoramento, com uma tese subordinada ao tema do galeão português e à construção da supremacia oceânica portuguesa.

Email: pissarrast@netcabo.pt

Leandro Ferreira

De homens-comuns a força de elite: os besteiros do conto em Portugal na Idade Média (1367-1438)

Com esta comunicação pretende-se dar a conhecer um projeto de mestrado sobre uma das experiências militares mais originais de toda a Idade Média Peninsular: a milícia dos besteiros do conto. Criada em Portugal, em 1299, por D. Dinis (1279-1325), era formada por elementos recrutados, essencialmente, dentro do grupo popular dos mesteirais, com preferência para aqueles que revelassem especial aptidão no manuseio da besta. Esta força militar de base concelhia possuía uma estrutura de comando autónoma relativamente aos restantes contingentes militares municipais, gozava de um sistema remuneratório próprio e usufruía de um atraente conjunto de privilégios. Mas, para além disso, os besteiros do conto estavam sujeitos a um conjunto de deveres específicos, nomeadamente ao nível do treino, da posse e manutenção de armas de qualidade e de um número específico de munições, para além de se encontrarem obrigados a manter um elevado grau de prontidão, circunstâncias que os convertiam numa autêntica força de elite.

A dissertação de mestrado que apresentamos procura conhecer o estado da arte e sistematizar a informação disponível para melhor interpretar a documentação e sustentar a estrutura da dissertação, procurando aprofundar o estudo da milícia durante a cronologia adotada. Para este fim, serão utilizadas fontes régias como manancial principal de documentação (chancelarias, capítulos de cortes, *Ordenações*, Crónicas, etc.), reservando o recurso pontual a outro género de documentação (concelhia) para exemplificar e apontar casos específicos e omissos nos manuscritos da Coroa. Em linhas gerais, a estrutura desta dissertação é composta por três capítulos. O primeiro diz respeito à ação da Monarquia na organização e regulação da milícia. O segundo capítulo procura analisar a componente militar dos besteiros do conto. Por fim, no terceiro capítulo, pesados os contributos esboçados nos dois primeiros pontos da dissertação, assumiremos uma componente mais interpretativa, procurando partir da teoria à prática, analisando o recrutamento e funcionamento da milícia dos besteiros do conto

Leandro Ribeiro Ferreira é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e mestrando em Estudos Medievais pela mesma instituição. Tem centrado a sua investigação na História Militar, Económica e Social da Idade Média portuguesa, sendo autor de alguns artigos, comunicações e capítulos de livros que incidem nestas temáticas: *Besteiros do Conto (Crossbowmen): Organization, abuses of power and irregularities during the reign of Dom João I (1385-1433)* (*E-Journal of Portuguese History*, vol. 12, n.º 1, 2014); *Crónicas de um Período de Interregno (1383-1385): como o «poboo meudo», «aceso com brava sanha», bradou a sua voz pelo Mestre de Avis* (*E-Humanista – Journal of Iberian Studies*, vol. 29, 2015); *Recrutar. Produzir. Abastecer: repensar a produção e o comércio agrícolas em tempo de guerras (1369-1400)* (*Medievalista*, no prelo, 2015; este texto foi parcialmente apresentado nos XXXIV Encontro da APHES); *De Lisboa rumo ao reino: o contrato de fretamento marítimo e os seus atores nos séculos XIV e XV (População e Sociedade*, no prelo, 2015); *Besteiros do Conto (crossbowmen) in Medieval Portugal (1299-1498): From Common Men to Elite Force* (Brill, no prelo, 2015/16; este texto foi parcialmente apresentado no congresso *Common men and women at war, 300-1500 AD*). Por fim, é pertinente salientar que foi convidado para integrar o projeto internacional de investigação *Saints at War: Byzantium, the West and Islam, 300-1500*, com início previsto em 2016, organizado pela Norwegian University of Science and Technology.

Email: leandro10dazuis@gmail.com

Marco Oliveira Borges

***A defesa da carreira da Índia entre os Açores
e a costa portuguesa (1500-1640): armadas e fortificações costeiras***

Com o advento da carreira da Índia e a chegada dos produtos orientais a Lisboa, as possibilidades de corsários e piratas adquirirem presas rendosas aos navios portugueses vieram a alargar-se e a motivar a cobiça de alguns reinos europeus. Embora date de 1508 a primeira perda de uma nau da carreira da Índia no espaço Atlântico devido a ataque inimigo, foi a partir da década de 1520, com a actividade corsária francesa, que os ataques contra esta carreira começaram a ganhar forma no Atlântico, acabando por abarcar o trajecto entre os Açores e a costa portuguesa.

Consequentemente, e para proteger os navios que vinham ricamente carregados, a Coroa portuguesa tomou medidas em duas frentes: a marítima e a terrestre. A primeira frente esteve associada à formação de armadas para defesa da costa, combate aos corsários e escolta dos navios vindos da Índia aquando da sua passagem pelos Açores: as armadas da costa e ilhas. Qual o *modus operandi* destas armadas? Como eram financiadas? Qual a sua composição militar (humana e material)? Quais as fontes disponíveis para o seu estudo? Eis algumas das questões a que tentaremos responder.

A segunda frente diz respeito à fortificação costeira, importante não só para dissuadir os corsários de possíveis aproximações aos portos em que se encontravam os navios mas também porque os mesmos, por vezes, acabavam por tentar desembarcar quando as mercadorias eram guardadas em terra. Locais como os Açores, as Berlengas, Sintra, Cascais e arredores da barra do Tejo foram pontos estratégicos que tiveram de ser fortificados e dotados de estruturas de apoio à navegação, porquanto estavam na rota das naus da carreira da Índia. Este é um tipo de estudo que requer uma metodologia de investigação interdisciplinar em que se possam cruzar os dados históricos com o reconhecimento geográfico dos locais abordados e a interpretação dos sítios arqueológicos que revelam as antigas estruturas fortificadas e de apoio à navegação.

Marco Oliveira Borges nasceu na vila de Cascais, em 1984. É licenciado em História (2010), Pós-Graduado em História dos Descobrimentos e da Expansão (2012) e Mestre em História Marítima (2013) pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo defendido uma tese intitulada *O Porto de Cascais durante a Expansão Quatrocentista. Apoio à Navegação e Defesa Costeira*. É investigador do Centro de Estudos Geográficos e do Centro de História da Universidade de Lisboa. Para além de se dedicar ao estudo dos portos e ancoradouros do litoral de Sintra-Cascais entre a Antiguidade e a Idade Moderna, bem como ao estudo da defesa costeira na *kura* (distrito) de Lisboa durante o período islâmico, contando com alguns artigos já publicados, revela especial interesse pelo estudo da Expansão Portuguesa dos séculos XV-XVII. Actualmente, é bolseiro de Doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, estando a desenvolver um projecto relacionado com a Carreira da Índia. Colabora igualmente no projecto *Dicionário de Historiadores Portugueses. Da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo* (coord. de Sérgio Campos Matos), tendo já disponível um verbete sobre “Brito Rebelo”.

Email: marcoliveiraborges@gmail.com

Maria Barreto Dávila

Guerra no Atlântico: a contenda luso-castelhana de 1475-1479

A primeira guerra no Atlântico entre Portugal e Castela aconteceu entre os anos de 1475 a 1479, resultante da intromissão do rei de Portugal, D. Afonso V, na guerra da sucessão castelhana, que opunha a rainha Isabel, *a Católica*, à sua sobrinha, D. Joana, *a Beltraneja*. Isabel, *a Católica*, reclamando direitos de soberania sobre a Guiné, almejando subverter a hegemonia naval e desafiar o controlo de Portugal sobre o comércio africano, aproveitou este momento para desencadear uma ofensiva contra as possessões ultramarinas portuguesas, na sua maioria pertencentes à Casa de Viseu. Deste conflito resultaria a primeira divisão do oceano Atlântico que daria, mais tarde, origem ao tratado de Tordesilhas.

Apesar da sua importância, esta contenda tem sido alvo de algum esquecimento por parte da historiografia portuguesa, que se tem centrado mais nos conflitos ocorridos em território peninsular, de entre os quais se destaca a batalha de Toro. Esquecimento este que se deve, em grande parte, à lacuna de fontes documentais, sobretudo para o lado português. No entanto, o cruzamento de recentes descobertas na documentação castelhana, associadas a algumas fontes portuguesas, até aqui pouco trabalhadas, permite retirar novas conclusões sobre este conflito. Será esta a nossa abordagem ao longo desta comunicação, que terá como objectivo descortinar as acções militares portuguesas e castelhanas neste novo teatro de guerra.

Maria Barreto Dávila é licenciada em História pela FCSH-NOVA (2005) e mestre em História Medieval pela mesma faculdade, com a dissertação *D. Fernando I, 2º duque de Bragança: vida e acção política*. Doutoranda em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, encontra-se a preparar a tese *Governar o Atlântico: a infanta D. Beatriz e a Casa de Viseu (1470-1485)*. É assistente de investigação do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar desde 2009 e membro dos projectos “Na Privança D’El Rei: Relações interpessoais e jogos de facções em torno de D. Manuel I”, financiado pela FCT e “D. Jaime de Bragança: de Vila Viçosa a Azamor”, financiado pela FCB.

Email: mariabarretodavila@gmail.com

Miguel Aguiar

Cavaleiros e Cavalaria no Reinado de D. Afonso V

O objetivo deste projeto é estudar a importância da ideologia cavaleiresca no final da Idade Média, focando a análise no reinado de D. Afonso V. Sendo a palavra “cavalaria” um termo polissémico, este projeto abordará diferentes campos de estudo, como a história militar, social e cultural. O trabalho estará dividido em dois blocos. Em primeiro lugar importa estudar a cavalaria tardo-medieval na sua conceção de serviço ao monarca, perspectiva que fazia do rei a ‘cabeça da cavalaria’. Tal intenção levará à análise de alguns aspetos em concreto. Em primeiro lugar, o vértice dessa estrutura, isto é, a figura do rei, a sua educação cavaleiresca e o papel que desempenhou nos campos de batalha em que esteve presente. Por outro lado, e no contexto dessa ‘cavalaria de corte’, interessa-me também estudar as justas e os torneios, quer enquanto forma de treino mais ou menos regular no manuseamento das armas, quer também enquanto espetáculo cortesão destinado a transmitir determinadas mensagens políticas.

A segunda parte do trabalho incidirá sobre a importância da ética cavaleiresca para os diversos estratos sociopolíticos. Destacam-se, por isso, algumas questões: a importância da guerra no Norte de África enquanto ‘estágio’ da alta nobreza para receber a honra de cavalaria; enquadrar a criação da Ordem da Torre e da Espada; aferir o perfil militar da nobreza titular; verificar a importância de África para a média e para a pequena nobreza.

No contexto do presente Workshop, interessa sobretudo discutir as implicações da mentalidade cavaleiresca no modo de fazer a guerra.

Miguel Aguiar (Porto, 1991) licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2014), onde é atualmente estudante do Mestrado em Estudos Medievais. Tem como principais interesses o estudo da aristocracia e dos ideais cavaleirescos em Portugal.

Email: miguelper.aguiar@gmail.com

Nuno Lopes

O Sistema Defensivo de Goa (1510-1663): Influência e significados na constituição do território contemporâneo

Perante a falta de um polo administrativo com um *hinterland* significativo para além da área da fortaleza, os Portugueses conquistaram Goa em 1510 e reforçaram essa posição nas décadas seguintes, garantindo a primeira instalação em todo o Oriente com expressão territorial. Zona de terras produtivas e o maior mercado de cavalos persas e árabes na Índia Ocidental, possuía ainda uma posição estratégica de primeira importância, defensável pelas suas características geográficas. Na recém-criada capital do Estado da Índia, por via de um processo interativo entre organização naval, as estruturas fortificadas, os sistemas de comunicações e o seu armamento, instalou-se um complexo sistema defensivo que, em última análise, dependia do poderio marítimo.

Esta investigação procura examinar as realidades históricas locais ao longo dos tempos, fundamentais para o reconhecimento das dinâmicas do território atual e permitindo a adequada discussão destes patrimónios: território, comunicações, construções militares e sua interseção com a arquitetura e o urbanismo. Para além da análise da produção historiográfica — cujos trabalhos serão conduzidos de forma sincrónica e diacrónica — o principal investimento reside na compreensão entre a organização político-militar do território goês e o que hoje nos resta dos elementos que compunham o sistema defensivo aqui instalado entre 1510 (conquista de Goa pelos Portugueses) e 1663 (ano em que haviam caído quase todas as fortalezas da Costa Ocidental Indiana). Para tal, procederei a um conjunto de levantamentos gráficos, relacionando-os com o desenvolvimento tecnológico até à chegada a Goa e durante essa permanência, cuja defesa teve a necessidade de se adaptar a uma dupla e profunda mutação: a referida evolução tecnológica da artilharia e da arquitetura militar e o facto de à ameaça terrestre indiana se ter somado a ameaça naval europeia.

Nuno Miguel de Pinho Lopes (1985) é Mestre em arquitetura pela Universidade de Évora (2010), com a tese *As Estruturas Fortificadas de Diu*. Após estágio e experiência profissional nos ateliers RCR – Aranda Pigem Vilalta Architectes slp (Olot, Girona) e AV62 Arquitectos SL (Barcelona), ingressou no programa de doutoramento *Patrimónios de Influência Portuguesa* do Centro de Estudos Sociais – Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra (2012), encontrando-se a desenvolver a dissertação intitulada *O sistema defensivo de Goa (1510-1663): Influência e significados na constituição do território contemporâneo*. Desde o início do 2015 que é também investigador no Centro de Estudos Sociais, Laboratório Associado da Universidade de Coimbra.

Email: nunomplopes@gmail.com

Paulo Dias

***A composição da hoste portuguesa na conquista de Arzila:
o eterno problema dos números***

Um dos problemas mais frequentemente enfrentados pelos historiadores militares é a reduzida fiabilidade dos números – de combatentes amigos ou inimigos, de mortos e feridos, de cativos – veiculados pelos cronistas. O estudo da hoste portuguesa que em 1471 conquistou Arzila enfrenta este mesmo obstáculo. Enquanto Rui de Pina aponta para um total de 30.000 efectivos, entre soldados e marinheiros, Damião de Góis dá-nos um total de 24.000, mas sem contar com marinheiros. A disparidade não é grande, mas existe. Além disso, seria possível ao Portugal de 1471 organizar, armar, alimentar e transportar para Marrocos uma tão grande hoste? Seria possível dispôr de tamanha quantidade de homens em idade produtiva durante um período de tempo indeterminado? Face aos números da população portuguesa de então – conhecidos aproximadamente através de vários estudos demográficos existentes – tentaremos compreender se seria plausível que Portugal conseguisse reunir tamanha força militar. Com esta questão em mente, a documentação de chancelaria revela-se essencial pois atesta a presença de alguns milhares de homens na armada de Arzila. Procuraremos ainda confrontar os números de mortos apontados pelos cronistas no seio da hoste portuguesa – marcadamente baixos – com outras fontes até hoje não analisadas por historiadores relativamente à expedição de 1471.

Por fim, admitindo-se que tamanha hoste possa ter sido reunida, que forças a constituiriam? Terá a nobreza do reino seguido em peso o rei? Os cronistas apenas apontam a presença de uma mão-cheia de grandes nobres na conquista de Arzila mas, como veremos, a documentação da chancelaria régia permite compreender melhor tal questão. Esta documentação, na sua variedade, oferece ainda alguns números concretos de efectivos que constituíam a hoste de 1471, quer em termos de pequenos fidalgos com as suas respectivas mesnadas, quer de homiziados – presentes em grande número – e mesmo de alguns estrangeiros.

Paulo Dias é licenciado em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2010-2013), pós-graduado em História Moderna e Descobrimientos na mesma instituição (2013-2014), e está neste momento a terminar a sua dissertação de mestrado na mesma área sob o título de A conquista de Arzila pelos Portugueses – 1471. Participa igualmente enquanto bolseiro da Fundação Oriente no projecto de investigação Antologia de Literatura-Mundo, do Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Letras de Lisboa (Outubro de 2014-Outubro de 2015).

Email: pm.dias92@gmail.com

Roger Lee de Jesus

D. João de Castro e a guerra no “Estado da Índia” (1545-1548)

Nomeado para governador do “Estado da Índia” no início de 1545, D. João de Castro é uma das figuras mais emblemáticas da presença portuguesa na Ásia e cujo governo escolhemos como projecto de doutoramento. O seu governo (1545-1548) decorreu num conturbado período de tensão político-militar, especialmente no âmbito da guerra movida contra soberanos locais e de reforço do poder da Coroa na Ásia. Com um vasto conhecimento no domínio da guerra, adquirida desde cedo nas fortalezas portuguesas do Norte de África, D. João de Castro privilegiou largamente as campanhas militares durante o seu curto governo e vice-reinado. Para além da forte pressão exercida sobre o “Estado da Índia” aquando do segundo cerco de Diu (entre Abril e Novembro de 1546), Castro necessitou de combater as diversas investidas do Adil Shah de Bijapur contra as terras de Goa e de impor o domínio português (através das armas) na *Província do Norte* contra o sultão do Guzerate. Paralelamente, foi responsável por reestruturar o armazém das armas e a ribeira de Goa, reintroduzir o sistema de ordenanças e reforçar o poder naval português através do uso frequente de armadas de mistas (compostas por navios de remos e de alto bordo).

Assim, a presente comunicação pretende reavaliar o papel da guerra durante o governo de D. João de Castro. Tentaremos revistar as diversas campanhas militares então empreendidas, contabilizar o impacto financeiro destas mesmas expedições, determinar o alcance das reformas das estruturas militares e compreender a logística necessária para sustentar a guerra no Índico.

Roger Lee de Jesus é Licenciado em História (FLUC, 2010) e Mestre em História, especialidade em Época Moderna (FLUC, 2012) com a tese “O Segundo Cerco de Diu (1546). Estudo de História Política e Militar”. É bolseiro de Doutoramento (FCT) em Altos Estudos em História – Época Moderna (FLUC), desenvolvendo a tese “A Governação do *Estado da Índia* por D. João de Castro (1545-1548) na Estratégia Imperial de D. João III”. Assistente de Investigação do Centro de História d’Aquém e d’Além Mar (FCSH-UNL/UAç) e colaborador do Centro de História da Sociedade e da Cultura (UC).

Email: rogerlee.pj@gmail.com

Tiago Machado de Castro

Os Duzentos de Lisboa. Explorando as Nóminas de bombardeiros e o seu serviço à Coroa.

A investigação de doutoramento, que esta apresentação pretende ilustrar, tem como tema central o ofício de artilheiro e o seu serviço à Coroa portuguesa, numa cronologia que abarca os séculos XV, XVI e parte do XVII e se estende à geografia do império português.

O objetivo geral da investigação é o de atingir uma visão sólida das condições de serviço dos artilheiros da Coroa portuguesa e da sua integração nas redes administrativas, militares e sociais. Procura-se obter clarificações para os seguintes temas: a origem geográfica dos artilheiros; os mecanismos de recrutamento; a colocação no serviço ultramarino; trajetórias de carreira e mobilidade social; importância dentro do aparelho militar e como agentes de transferência tecnológica; relações e proximidades com os ofícios mecânicos, os ofícios da navegação e com os outros corpos militares de terceiro estado. Desta conjugação de aspetos espera-se estabelecer com segurança uma imagem de conjunto, consistentemente suportada nas fontes, do ofício de artilheiro na idade moderna.

Como tema central da apresentação e dentro do processo descrito, será abordado o caso dos *Bombardeiros da Nómima* existentes em Lisboa, que constituem dentro do plano geral de investigação o objeto padrão para o conjunto de processos comparativos que adiante se irão executar. O que aparenta ser um serviço direto e regulado pela Coroa e a sua colocação no centro administrativo do império confere a estes corpos um papel nuclear, quase inevitável, na obtenção do retrato biográfico coletivo do ofício de artilheiro. Através da análise dos privilégios que os regem enquanto corporação militar e das suas cartas individuais, conexas a um outro conjunto de informações, proponho explorar algumas das componentes do serviço destes duzentos nos reinados do século XVI, consolidando algumas ideias e explorando novas questões.

Tiago Machado de Castro nasceu em Lisboa a 22 de Junho de 1971. É licenciado em História, mestre em História Marítima pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e doutorando em História da Expansão na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É desde 2012 bolseiro de investigação do projecto Post Scriptum: Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. É desde 2013 assistente de investigação do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar e doutorando em História da Expansão na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem como temas principais de investigação a História Marítima e a História Militar na idade moderna. Como subtemas os seus trabalhos incidem na presença portuguesa no Oriente, na construção naval, na artilharia e artilheiros, e na relação dos ofícios mecânicos com os ofícios militares de Terceiro Estado.

Email: tmachadocastro@gmail.com